



neobela

projecto NECOBELAC

guia para formadores



The University of Nottingham



UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA SEDE BOGOTÁ



BIREME • PAHO • WHO



Universidade do Minho



CSIC



SEVENTH FRAMEWORK PROGRAMME SCIENCE IN SOCIETY



EUROPEAN COMMISSION

Este folheto é uma reprodução parcial dos tópicos NECOBELAC produzidos pela equipe de trabalho NECOBELAC incluindo todos os parceiros do projecto e colaboradores.

Textos revistos por Paola de Castro (ISS) e Reme Melero (CSIC).

A versão portuguesa foi traduzida por: Lilian Nassi Calò (BIREME); Pedro Principe, Eloy Rodrigues (UMINHO), Chloe Furnival (UNOTT).

Edição e gráficos por Sandra Salinetti (ISS).

A handwritten signature in blue ink, consisting of several fluid, connected loops and curves, positioned at the bottom left of the page.

NECOBELAC é um projecto financiado pela Comissão Europeia no âmbito do 7º Programa Quadro e liderado pelo Istituto Superiore di Sanità (ISS), o principal organismo de investigação para a saúde pública na Itália.

O projecto está empenhado em estimular a transferência de informação à escala global no domínio da saúde pública, criando uma rede colaborativa, que abrange os países Europeus e Latino Americanos e Caribe (LAC), para aumentar o acesso livre à informação científica de alta qualidade.

O ISS é apoiado pelos parceiros no projecto: University of Nottingham (Reino Unido), Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Espanha), Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde BIREME/OPSAS/OMS (Brasil), Instituto de Salud Pública (Colombia) e a Universidade do Minho (Portugal).

NECOBELAC contribui para promover o conhecimento sobre as melhores práticas na produção, disseminação, recuperação e utilização da informação de saúde pública em acesso livre entre os países Europeus e Latino Americanos e Caribe.

O envolvimento de diferentes instituições relacionadas com a saúde nestas regiões reforçará também colaborações científicas e melhorará o intercâmbio de informações e dados de investigação.

estratégia do projecto

A estratégia do projecto assenta na criação de uma rede de instituições qualificadas da Europa e da América Latina e Caribe que partilham os objectivos do projecto e colaboraram para fornecer programas de formação relevantes no domínio da publicação científica e acesso aberto.

Os parceiros do projecto organizam um conjunto de acções de formação dirigidas a futuros formadores (tipo de cursos T1), que replicam os módulos de formação NECOBELAC a nível local com as devidas adaptações (tipo de cursos T2) (Figura 1).

As acções de formação desenvolvem-se nos três anos do prazo de projecto, mas todos aqueles que participam nos cursos T1 NECOBELAC ficam empenhados em replicar esses cursos garantindo assim um impacto maior e mais longo do projecto e a sua sustentabilidade.

Os participantes nos cursos de formação NECOBELAC T1 são profissionais já envolvidos na publicação científica e acesso aberto que podem assim dar o seu feedback na identificação das diferenças culturais para definir a melhor abordagem na formação local e superar os obstáculos existentes à comunicação científica.

A formação é organizada em diferentes áreas geográficas, tanto nos países LAC como na Europa e é realizada nas quatro línguas do projecto: Inglês, Espanhol, Português e Italiano.

Especialistas locais podem ser convidados para apoiar as acções de formação nos cursos T1 e T2.

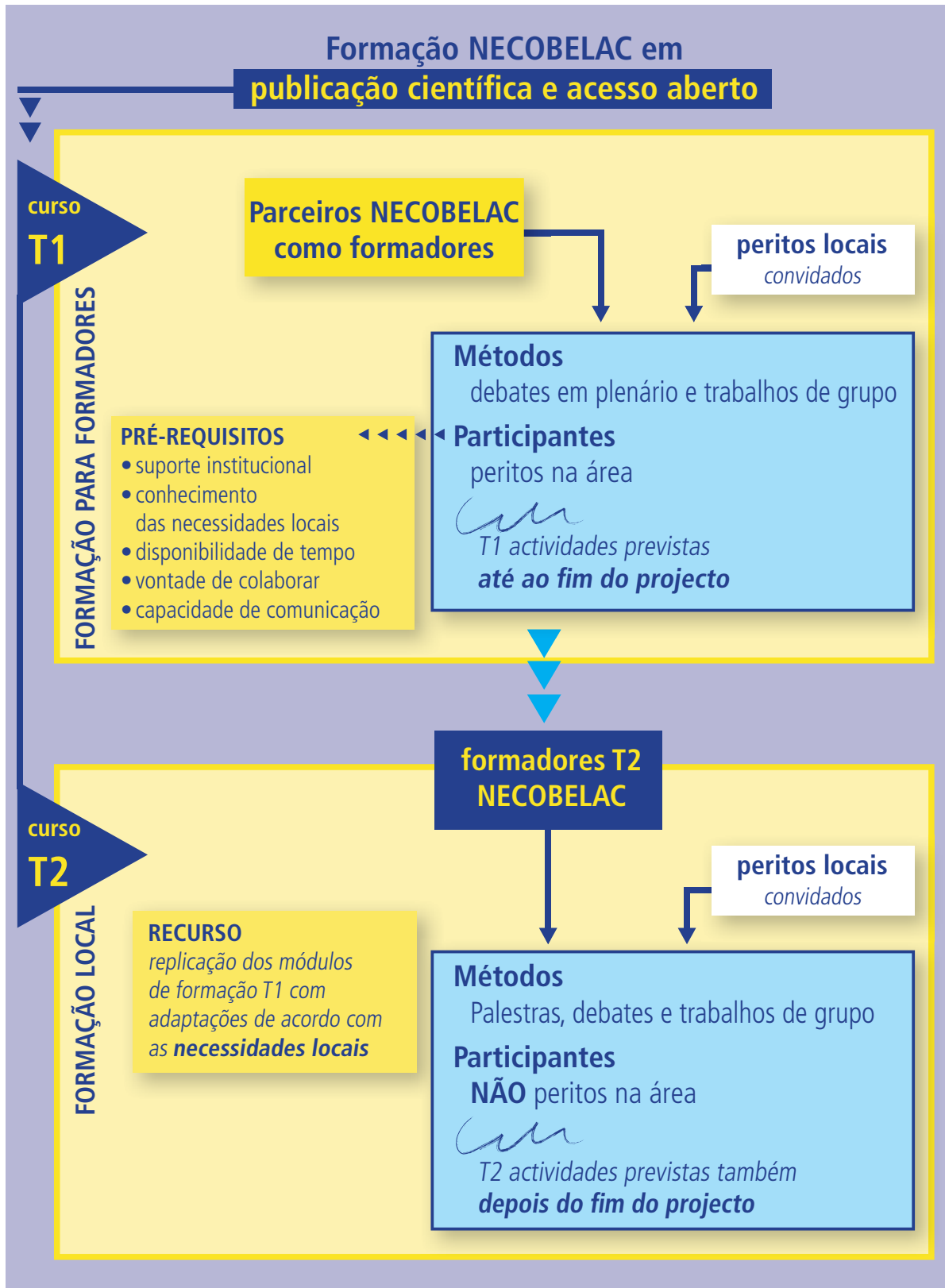


Figura 1. NECOBELAC: estratégia de formação

mapas conceptuais: um apoio à formação

Os mapas conceptuais baseados numa tecnologia de web semântica, foram projectados e desenvolvidos como apoio para os cursos de formação do NECOBELAC.

Cada curso deve ser modular, extensível, flexível, portátil e possível de ser reaproveitado. O seu conteúdo tem que ser independente da apresentação e acessível em contextos distintos.

Os mapas conceptuais representam a informação usando “tópicos” (qualquer conceito, desde pessoas, países e organizações, até módulos de software, arquivos individuais, eventos, etc.), “associações” (as relações entre tópicos) e ocorrências (os recursos de informação relevantes para cada tópico específico). Tem uma estrutura tripartida sujeito-predicado-objecto. (Figura 2)

Os mapas conceptuais foram criados usando a tecnologia Ontopia como o arcabouço para representar e oferecer uma visualização gráfica da estrutura dos cursos de formação. Esta tecnologia permite a conexão de relações entre diferentes fatores, atores e iniciativas. A Ontopia também tem uma estrutura de navegação – uma biblioteca de tags JSP e uma API Java – que permite o desenvolvimento de interfaces baseadas na web associadas com os mapas conceptuais.

Foi criada uma interface web baseada nos mapas conceptuais do NECOBELAC. Uma parte do seu conteúdo está disponível e pesquisável através da web, embora ainda esteja em construção no site do projecto NECOBELAC, sob a secção “Atividades de formação”.

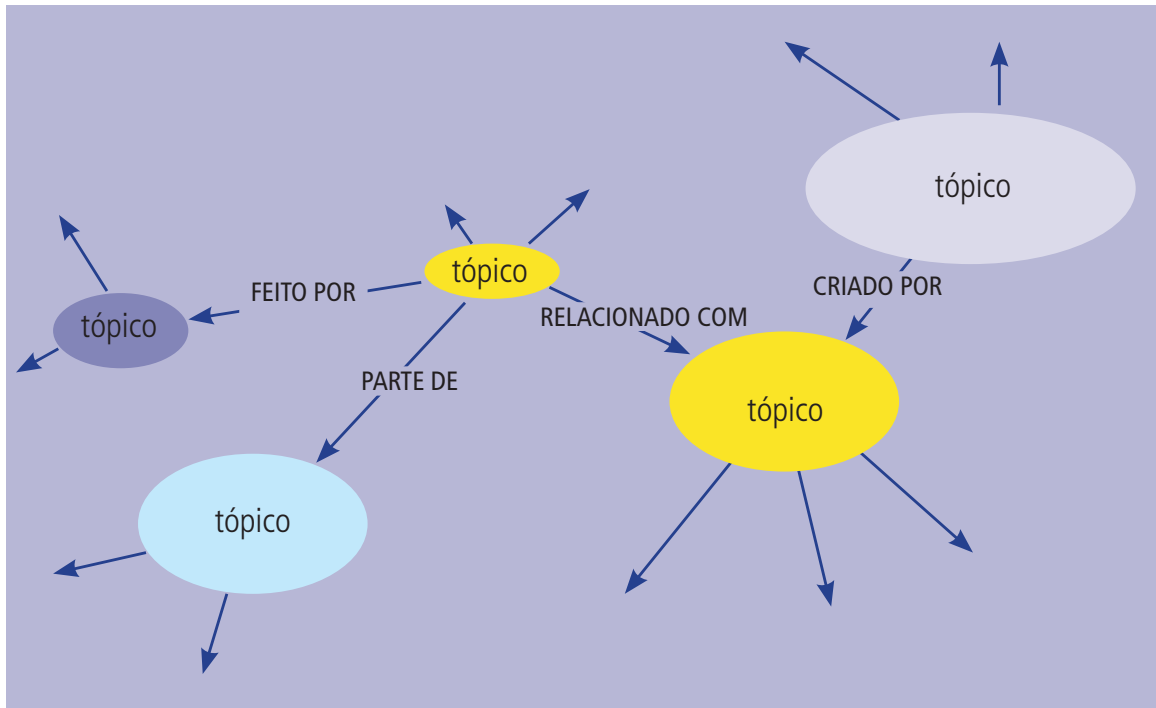


Figura 2. Representação gráfica de um mapa conceitual

Uma base de dados semântica pesquisável foi também desenvolvida para que os utilizadores possam enviar suas perguntas para esta estrutura de conhecimento. As associações de papéis entre tópicos, instâncias e suas ocorrências, foram concebidas levando em consideração a maioria das questões envolvida na publicação científica e no acesso aberto. Nos mapas conceptuais do NECOBELAC, qualquer tópico representa um módulo de formação ou submódulo, que corresponde aos conteúdos de ambos os cursos: a publicação científica e o acesso aberto na saúde pública. Qualquer módulo/conceito tem uma estrutura semelhante: título, resumo, esquema, texto completo, algumas questões ou pontos para discussão, bibliografia, exemplos e uma lista de material de apoio.

conteúdos dos cursos de formação

A lista do conteúdo dos cursos NECOBELAC é dividida em duas secções:

- 1) publicação científica;
- 2) acesso aberto.

Cada secção é associada a módulos diferentes. Somente os resumos dos módulos principais de cada secção se encontram reproduzidos aqui; a descrição mais actualizada de todos os módulos junto aos respectivos recursos online estão disponíveis no website do projecto em: <http://www.necobelac.eu/en/training.php>.

Os participantes das atividades T1 organizarão a formação local T2 com base no conteúdo dos cursos de capacitação do NECOBELAC que devem ser apropriadamente seleccionados e ajustados de acordo com: as necessidades locais, duração do curso, infra-estrutura disponível, número de participantes, número de formadores etc.

Uma lista de questões como sugestão para pontos de discussão é também incluída em cada secção.

Uma selecção de recursos online retirados dos mapas conceptuais online é fornecida no final deste manual.

A estrutura dos módulos de formação do NECOBELAC

1. Introdução à publicação científica

Tipos de publicações

2. Revistas científicas

Iniciar uma nova revista

Sistemas tecnológicos de gestão online

Melhorar uma revista existente

Gestão de uma revista

Editores científicos

Comissões, Conselhos editoriais

Editoras

Equipe editorial, política de marketing, publicidade

Apoio aos autores

Modelos económicos

Qualidade das revistas

Disseminação e acesso

3. Artigos científicos

Redigir um artigo

Orientações e normas

Ética

Direitos e questões de copyright

4. Revisão por pares e indicadores de qualidade

Os estilos da revisão por pares

Ética

Papéis na revisão por pares

Revisores

Editores

Comissões e conselhos editoriais

Qualidade das publicações

Métricas

1. Introdução à publicação científica

O processo de publicação envolve muitas atividades, desde a selecção da informação, a escolha do canal apropriado para distribuir esta informação, a produção do manuscrito, até a submissão para a publicação, avaliação por pares, e todas as atividades editoriais que eventualmente levam à publicação, distribuição, uso e avaliação do impacto do documento

O processo de publicação é complexo e requer o conhecimento de regras, normas e melhores práticas para ser efetivamente realizado.

Há vários tipos de publicações (livros, revistas, literatura cinzenta, etc.) e muitos canais para a sua distribuição. O processo de publicação envolve as atividades de muitos atores cujos papéis podem se sobrepor de acordo com a organização do ciclo inteiro. Se a organização for grande e o orçamento disponível for o suficiente, cada papel poderá ser desempenhado por um especialista apropriado; se a organização for pequena e o orçamento disponível restrito, as mesmas pessoas acumularão papéis distintos.

Os principais atores da cadeia editorial são: autores (como produtores de informação), editores (como “formatadores” da informação), editoras (como gestores de informação), leitores (como utilizadores da informação), bibliotecários e especialistas de informação (como provedores de informação). São apoiados por revisores, editores de cópia, tradutores, escritores técnicos, assistentes gráficos, fotógrafos, pessoal de impressão, webmasters etc., que intervêm em estágios distintos no processo de publicação. Para além disso, as mesmas pessoas podem realizar papéis

distintos em contextos distintos: por exemplo, um leitor pode ser um escritor ou um revisor de um artigo, e isto acrescenta novas complexidades ao jogo de publicação científica.

As novas oportunidades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs) representam um desafio real no processo de publicação e criam novos equilíbrios a favor das áreas mais periféricas no campo da informação científica.

2. As revistas científicas

A comunicação através das revistas científicas tem quatro propósitos principais:

1. Registrar e disseminar o conhecimento obtido da pesquisa.
2. Avaliar os trabalhos científicos.
3. Identificar o escopo e possíveis usos ou aplicações de conhecimento.
4. Preservar o conhecimento.

Estes papéis foram construídos e aperfeiçoados pelas revistas científicas durante os últimos 300 anos até se tornarem os únicos meios de comunicação que podem (através do reconhecimento e aceitação da sociedade) publicar, avaliar e validar aquilo que é publicado. Assim, as revistas científicas têm um conjunto de critérios e métodos que garantem a qualidade e veracidade ou dúvida bem justificada relativas ao que aceitam e publicam. Os autores que desejam publicar os resultados das suas pesquisas devem portanto, primeiramente, conhecer e entender os requisitos e critérios estabelecidos pelas revistas especializadas para receber, avaliar, aceitar e publicar matérias científicas, tendo sido tais orientações para os autores usualmente claramente estabelecidas para os potenciais autores.

As revistas científicas utilizam diferentes tipos ou géneros de

publicações para cumprir a sua missão: editoriais, artigos padrão e suas modalidades, ensaios ou artigos de reflexão, resenhas e resumos. A disseminação e acesso à informação científica em saúde são mediados por uma infra-estrutura internacional bem definida, incluindo a publicação, indexação e avaliação de revistas científicas. As revistas dos países em desenvolvimento tradicionalmente enfrentam várias barreiras para se integrarem nestas infra-estruturas, particularmente no que diz respeito à qualidade e à percepção da qualidade. A qualidade é de facto uma questão central para a comunicação científica, que desafia os editores científicos para que possam posicionar melhor suas revistas no fluxo de informação internacional.

3. Os artigos científicos

O artigo de revista científica é ainda hoje o meio mais conhecido e qualificado da comunicação científica para disseminar o conhecimento e os resultados novos entre os integrantes da comunidade científica e para promover o progresso. Dado que a comunicação é uma tarefa de cada cientista, a redacção correcta de um artigo é de suma importância, mas não tão fácil: um artigo científico deve ser bem organizado para cumprir com os requisitos de uma publicação válida. Para ajudar os potenciais autores neste trabalho, desde a segunda metade da década de sessenta do século vinte, tem sido amplamente utilizado um esquema para os cientistas escreverem os seus artigos e esta estrutura foi oficialmente adoptada pelo American National Standards Institute em 1979 (ANSI Z39.16-1979) como o formato IMRAD (Introdução, Métodos, Resultados e Discussão). No mesmo ano, o International Committee of Medical Journal Editors publicou os "Requisitos uniformes para manuscritos submetidos às Revistas

Biomédicas”. Este documento representa – entre as orientações, normas e melhores práticas de boa escrita e comunicação – a ferramenta mais valiosa e amplamente disseminada disponível para os autores para que possam escrever facilmente relatórios claros sobre seus estudos. Os “requisitos uniformes” são especialmente interessantes, pois mesmo que analisem as facetas múltiplas relacionadas ao processo editorial inteiro, tanto do ponto de vista dos editores como dos autores, ilustram os aspectos técnicos da preparação e submissão de manuscritos e, neste contexto, também recomendam a estrutura padrão do IMRAD.

Na segunda metade da década de noventa do século vinte, emergiu um debate em torno da adequação deste formato para todo tipo de comunicação científica: a composição formal do artigo científico tradicional ainda é boa para os artigos originais mas obviamente pode ser restritiva para resenhas, estudos de casos, editoriais etc. Mesmo assim, o esquema rígido do IMRAD não deveria ser considerado como um formato de publicação arbitrário, já que constitui um reflexo directo do processo de descoberta científica e tem a vantagem de ajudar o autor a organizar um relatório de pesquisa de uma maneira não ambígua, seguindo passos simples.

4. A revisão por pares e os indicadores de qualidade

As revistas desempenham um papel importante na avaliação e certificação dos resultados científicos e académicos, e a sua posição dentro da paisagem das publicações científicas dependerá das boas práticas e boa gestão. A avaliação pelo sistema de revisão por pares, para a qual um substituto ainda não foi encontrado, é a forma de controlar a qualidade, originalidade e rigor científico dos artigos. Pode ser realizada em modos distintos: cego, duplamente-

cego ou revisão por pares aberta e online. Um objectivo chave da revisão por pares é o de filtrar e detectar os casos possíveis de fraude como a falsificação de dados, plágio ou a omissão de declarar potenciais conflitos de interesses, embora não seja um sistema infalível e deveria ser avaliado periodicamente para detectar possíveis desvios. A qualidade e prestígio nem sempre vão de mãos dadas: a qualidade do conteúdo e do sistema de gestão editorial pode ser alta, mas para ganhar o reconhecimento e prestígio, será necessário que a revista persista com suas metas para um certo período de tempo. Os editores e o corpo editorial são directamente envolvidos na certificação de conteúdos baseados na sua qualidade; conseguir uma marca de qualidade constitui uma garantia para assegurar a sustentabilidade da revista.

Neste módulo, os aspectos formais para melhorar a qualidade de revistas serão considerados, tal como certas estratégias para atrair artigos de autores reconhecidos em seus respectivos campos. A visibilidade na gestão de uma revista também é um fator interno da qualidade, por exemplo, declarando os critérios para a aceitação de artigos ou medidas para preservar a integridade científica do trabalho.

A estrutura dos módulos de formação do NECOBELAC

1. Introdução ao Open Access (OA)

- Significado/definição
- Origens e evolução
- Iniciativas OA no mundo
- Promoção
- Efeito do OA nas citações

2. Repositórios em OA

- Definição e tipos
 - Repositórios temáticos
 - Repositórios institucionais
 - Repositórios de dados
- Tecnologias e normas para repositórios
- Softwares de repositórios
- Desenvolvimento e gestão de repositórios
- Prestadores de serviços (repositórios)
- Coexistência Revistas-Repositórios
- Auto-arquivo
- Questões de copyright

3. Periódicos em OA

- Modelos de revistas OA
- Sistemas de gestão online
- Modelos económicos para apoiar as revistas OA
- Prestadores de serviços (revistas)
- Questões de copyright

4. Políticas OA

- Introdução
- Modelos
- Como implementar uma política de OA
- Directórios de políticas OA
- Exemplos na saúde pública e disciplinas afins
- Efeito das políticas de OA no comportamento dos autores

1. Introdução ao Open Access (OA)

Em Janeiro de 2002, o Budapeste Open Access Initiative – também conhecido como a Budapest Declaration ou BOAI – foi a primeira declaração a definir a literatura em acesso aberto (Open Access, OA) como digital, online, grátis, e isenta da maioria das restrições de copyright e licenciamento. Juntamente com a BOAI, a Declaração de Bethesda e a Declaração de Berlim sobre o OA ao Conhecimento nas Ciências e Humanidades, ambas de 2003, marcaram o início daquilo que é hoje conhecido como o Movimento OA. Segundo a Declaração de Budapeste, há dois modos complementares de alcançar o OA aos resultados científicos: auto-arquivo nos repositórios OA (também conhecido como a via verde) e publicação em revistas OA (também conhecido como a via dourada). Os repositórios OA são arquivos digitais que colecionam, preservam e disseminam os resultados científicos de uma área específica (repositórios de área/disciplina) ou de uma dada instituição (repositórios institucionais).

O termo “acesso aberto” é agora amplamente usado em pelo menos dois sentidos. Para alguns, a literatura OA é digital, online e grátis. As barreiras de preço são removidas, mas as de permissão não. Para outros, a literatura OA é digital, online e grátis, e também livre de restrições desnecessárias de copyright e licenciamento: o OA remove ambas as barreiras de preço e de permissão. Permite os direitos de reutilização que vão além daqueles de utilização justa. A maioria dos nossos casos de sucesso emprega o OA no primeiro sentido, enquanto as declarações públicas de Budapeste, Bethesda e Berlim (juntas, a definição BBB de OA) descrevem o OA no segundo sentido. Para remover a ambiguidade, Peter Suber

e Steven Harnard propuseram o uso do termo “OA grátis” para a remoção das barreiras de preço apenas, e “OA livre” para a remoção das barreiras de preço e pelo menos algumas barreiras de permissão.

Há vários mal-entendidos sobre o OA. Não é auto-publicação, nem é um modo de evitar a revisão por pares e publicação, e tão pouco representa uma rota de publicação de segunda classe a preços baixos. É simplesmente um meio de tornar os resultados de pesquisa livremente disponíveis online à comunidade de pesquisa inteira e a outros usuários potenciais da literatura de pesquisa.

2. Repositórios em OA

O repositório ArXiv, criado em 1991 para a comunidade de físicos, é geralmente considerado o primeiro repositório em OA de que se tem notícia. Apesar da criação de outros repositórios temáticos durante os anos 1990, o número de repositórios ainda era baixo no final da década. O boom da criação de repositórios ocorreu no novo milénio, construído sobre a fundação tecnológica do OAI-PMH e também como consequência da maior visibilidade e consciencialização do OA na comunidade de investigadores seguindo a primeira iniciativa OA e as declarações (Budapeste, Bethesda e Berlim).

Um repositório digital é um mecanismo para administrar e armazenar conteúdos digitais. Os repositórios podem ser temáticos ou institucionais em seu foco. O depósito de conteúdos num repositório institucional permite às instituições e pessoal responsável administrá-los e preservá-los, de forma a extrair o máximo valor dos documentos. Um repositório pode abrigar resultados de pesquisa, objectos de aprendizagem, e processos administrativos. Os repositórios usam normas abertas para assegurar que seu conteúdo é acessível, que pode ser submetido a estratégias de pesquisa e

recuperado para uso posterior.

O uso de normas internacionais permite a instalação de mecanismos de importação, exportação, identificação, armazenamento e recuperação de conteúdo digital dentro do repositório (definido pelo Projecto de Apoio a Repositórios <http://www.rsp.ac.uk>). Existem dois tipos principais de repositórios em OA: "Repositórios temáticos/disciplinares" (criados para recolher material em determinadas disciplinas ou temas) e "Repositórios institucionais" (criados por instituições de pesquisa para recolher, preservar e disseminar a produção intelectual da instituição). Um terceiro tipo de repositório pode ser considerado: agregadores ou portais que agregam o conteúdo de repositórios institucionais ou temáticos. Estes repositórios podem ser geográficos, temáticos ou por tipo de documento.

Actualmente, existem mais de 1600 repositórios registados nos directórios de repositórios mais importantes: ROAR (Registry of Open Access Repositories) and DOAR (Directory of Open Access Repositories). A distribuição geográfica dos repositórios encontra correlação com a distribuição da produção científica mundial, com quase 2/3 localizados na Europa e América do Norte.

3. Periódicos em OA

A combinação de tipo de acesso, licença de publicação e acordo de direitos de autor das revistas científicas têm dado lugar a uma variedade de publicações, desde aquelas em que acesso é restrito a assinantes e os direitos de autor são transferidos exclusivamente às editoras (não atendendo a qualquer critério de OA), àquelas que são livres para acesso aos utilizadores e autores, e os direitos autorais pertencem ao autor (preenchem todos os critérios de OA). Centrando-se em revistas que atendem a todas ou parte das determinações da Declaração de Berlim de OA, os periódicos podem

ser classificados nos seguintes grupos:

1. As revistas existentes, as quais após um embargo de 6 ou 12 meses, permitem o acesso online gratuito aos seus artigos (ver exemplos em Highwire Press ou em PubMedCentral).
2. Revistas que imediatamente após sua publicação, são livres/grátis através da Internet (barreiras de acesso de ordem económica são assim removidas).
3. Revistas de OA, nas quais os autores retêm toda ou parte dos direitos de autor e pagam uma taxa para a publicação dos seus artigos. Revistas da BioMedCentral ou aquelas publicadas pela Public Library of Science (PLoS) são exemplos deste tipo.
4. Revistas que seguem um modelo híbrido onde duas formas da publicação online coexistem, uma forma clássica no qual acesso é restrito aos assinantes, e outro que implica pagamento de uma taxa editorial para disponibilizar o artigo livremente na Internet. O custo por artigo varia em função do editor, mas no caso dos editores comerciais, é de cerca de US\$3000 (exemplos: artigo patrocinado/publicado pela Elsevier, Oxford Open da Oxford University Press ou a modalidade Open Choice da Springer).
5. Revistas OA, gratis para os leitores e sem qualquer taxa para publicação, nas quais o copyright pertence ao autor ou a publicação permite o auto-arquivo. Exemplos deste tipo estão incluídos no Directory of Open Access Journals, DOAJ.

4. Políticas de OA

As políticas de OA podem variar de declarações amplas de apoio e promoção de OA, a “mandatos” normativos do financiador da pesquisa, bem como políticas institucionais específicas que declaram

apoio OA como princípio, e encorajam académicos a publicar em OA, o que também pode resultar na formulação de critérios para as metas gerais e operação diária de Repositórios Institucionais (RI). As diversas declarações de OA e os manifestos realizados em todo o mundo classificam-se na primeira categoria. Os mandatos de financiadores da pesquisa corroboram a mensagem institucional do apoio a OA, pois estimulam o cumprimento de uma estratégia de OA (como depositar um post-print em um repositório OA) como uma condição quando o pesquisador assina o contrato de financiamento de pesquisa. Os mandatos institucionais, que equiparam de forma efectiva a política explícita de OA de uma dada instituição, encorajam os seus académicos a publicar os resultados de pesquisa em revistas OA ou a depositar a versão final de seus manuscritos no repositório institucional ou em um repositório temático. O braço executivo de uma política institucional de OA poderia ser o RI, e os responsáveis pelo RI elaborarão a política do mesmo; tal política cobrirá tanto a missão como o objectivo geral do RI, além de detalhar os critérios mais específicos para assegurar que procedimentos de tomada de decisão – relativos aos aspectos operacionais do RI – estejam de acordo com a política geral do RI. Em todos os níveis, a implementação das políticas deve considerar e explicitar os benefícios e impactos da política de OA sobre os diversos interessados envolvidos.

Existem actualmente três directórios nos quais as políticas existentes são registadas:

1. JULIET-SHERPA: <http://www.sherpa.ac.uk/juliet>;
2. MELIBEA: <http://www.accesoabierto.net/politicas>;
3. RoarMap: <http://www.eprints.org/openaccess/policysignup>.

As declarações de carácter mandatário prevalecem sobre as recomendações mas os mecanismos de controlo para monitorização ainda não existem ou ainda não foram claramente determinados.

secção. **Publicação científica**

- Qual é o papel das revistas científicas?
- Onde é que recai a responsabilidade de um artigo publicado?
- Como podem os editores garantir qualidade na publicação?
- Onde pode encontrar instruções para os autores?
- Qual é o propósito de escrever um artigo?
- O que é o formato IMRAD?
- Quais são as vantagens de seguir o formato IMRAD?
- Quais regras de escrita que devem ser seguidas?
- Quais são as principais etapas para preparar e enviar manuscritos para revistas científicas?
- Como optar pelas orientações a seguir de acordo com a área científica?
- Existe alguma sugestão com instruções para autores consoante as revistas?
- O que se pode definir como comportamento não ético na publicação científica? Listar todos os possíveis casos de má conduta.
- Quais são os principais documentos que apoiam os editores a lidar com comportamentos de má conduta na publicação científica?
- Existem associações específicas com o objectivo de reforçar a comunicação eficaz e responsável em ciência?
- Qual é o estilo de referência recomendado para revistas de biomedicina?
- Quais os critérios que orientam a decisão de incluir tabelas ou gráficos em relatórios de dados?
- Quem pode ser considerado autor de um artigo científico?
- Pode enviar o mesmo manuscrito para duas revistas diferentes ao mesmo tempo?
- Pode enviar um artigo rejeitado de uma revista para uma outra publicação diferente?
- Quais são as principais razões de conflitos de interesses e quem está envolvido?
- O que fazer se suspeitar de plágio?
- Pode definir um autor convidado, fantasma ou dador?

secção. Acesso aberto

- Como pode criar na sua instituição uma estratégia de promoção para o OA? Que aspectos considera essenciais nessa estratégia?
- Quais acredita serem os potenciais incentivos e desincentivos para os autores disseminarem o seu trabalho em canais de OA?
- Acredita que os mandados de OA são um instrumento necessário à política de OA?
- Como poderia transformar uma política de apoio ao OA numa política eficaz de cumprimento do OA?
- Qual pensa ser o termo mais apropriado, na sua língua e contextos nacional e institucional, para melhor transmitir o conceito de “advocacy” quando utilizado no domínio do OA e repositórios OA?
- Quais são as razões que ameaçam o modelo tradicional de assinatura de revistas científicas?
- Que tipo de modelo económico sugeria para uma nova revista criada por uma organização não-governamental?
- Como encorajar os autores para o auto-arquivo em repositórios de OA?
- Quais, na sua opinião, são as diferentes dimensões que um repositório institucional (RI) com política de OA deve incorporar para garantir a utilização dos RI?
- Quem identifica como atores chave para as atividades de promoção do OA na sua instituição?
- Qual é a diferença qualitativa entre o fornecimento de dados e prestação de serviços?
- Quais são alguns exemplos dos serviços prestados aos utilizadores finais na pesquisa em repositórios?
- Quais os tipos de serviços que os repositórios disponibilizam às instituições que se podem constituir como argumentos válidos a favor da implementação de um repositório institucional?
- Porque é que os cientistas devem valorizar o fator de impacto dos trabalhos publicados?
- Como é que o OA afecta directamente o fator de impacto da investigação?
- Quais as vantagens das formas de disseminação da investigação em OA sobre as formas tradicionais de publicação quanto ao impacto de citação?

secção. **Publicação científica**

American Association for the History of Medicine (AAHM)

<http://www.histmed.org/>

American Medical Writers Association (AMWA)

<http://www.amwa.org>

Association for Medical Education in Europe (AMEE)

<http://www.amee.org>

Association of Canadian Editors (EAC)

<http://www.editors.ca/>

Association of Earth Science Editors (AESE)

<http://www.aese.org/>

Association of Learned and Professional Society Publishers (ALPSP)

<http://www.alpsp.org.uk>

Australian Societies of Editors

<http://www.editorscanberra.org/>

AuthorAID

<http://www.authoraid.info/>

Board of Editors in the Life Sciences (BELS)

<http://www.bels.org/>

British Standards Institution (BSI)

<http://www.bsigroup.com/>

Committee On Publication Ethics (COPE)

<http://publicationethics.org/>

Copy Editor

<http://www.copyediting.com/>

Council for the Advancement of Scientific Writing (CASW)

<http://casw.org/>

Council of Editors of Learned Journals (CELJ)

<http://www.celj.org/index.php>

Council of Science Editors (CSE) (formerly Council of Biology Editors)

<http://www.councilscienceeditors.org/>

Digital Curation Centre

<http://www.dcc.ac.uk/>

Eastern Mediterranean Association of Medical Editors (EMAME)
<http://www.emro.who.int/EMAME/index.htm>

Editorial Eye
<http://www.eeicom.com/>

EQUATOR Network
<http://www.equator-network.org/>

European Association for Research on Learning and Instruction (EARLI)
<http://www.earli.org/>

European Association of Health Information and Libraries (EAHIL)
<http://www.eahil.net/>

European Association of Science Editors (EASE)
<http://www.ease.org.uk/>

European Medical Writers Association (EMWA)
<http://www.emwa.org/>

ICMJE - Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals
http://www.icmje.org/urm_main.html

International Association of Translation and Intercultural Studies (IATIS)
<http://www.iatis.org/>

International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE)
<http://www.icmje.org/>

International Council for Scientific and Technical Information (ICSTI)
<http://www.icsti.org/>

International Council for Technical Communication (INTECOM)
<http://www.intecom.org/>

International Federation of Science Editors (ICSU)
<http://www.icsu.org/>

International Network for the Availability of Scientific Publications (INASP)
<http://www.inasp.info/>

International Society for Medical Publication Professionals (ISMPP)
<http://www.ismpp.org/>

Journal of Electronic Publishing (JEP)
<http://www.journalofelectronicpublishing.org/>

Latindex
<http://www.latindex.unam.mx/>

Learning and Teaching Subject Network for Education
<http://escalate.ac.uk/>

Mediterranean Editors and Translators (MET)
<http://www.metmeetings.org/>

Publishers' Association (PA)
<http://www.publishers.org.uk/>

PubMed Central
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (Redalyc)
<http://redalyc.uaemex.mx/>

Scientific Electronic Library Online (SciELO)
<http://www.scielo.org>

World Association of Medical Editors (WAME)
<http://www.wame.org/>

secção. **Acesso aberto**

Acceso Abierto a la Ciencia
<http://www.accesoabierto.net>

Budapest Open Access Initiative (BOAI)
<http://www.soros.org/openaccess>

Charles Bailey Bibliography
<http://www.digital-scholarship.org/>

Creative Commons
<http://creativecommons.org/>

Digital Repository Infrastructure Vision
for European Research (DRIVER)
<http://www.driver-repository.eu/>

eIFL
<http://www.eifl.net/cps/sections/home>

Enabling Open Scholarship (EOS)
http://www.openscholarship.org/jcms/j_6/accueil

Eprints

<http://www.eprints.org/>

JISC-Open Access

<http://www.jisc.ac.uk/openaccess>

Open Access Directory (OAD)

http://oad.simmons.edu/oadwiki/Main_Page

Open Access Scholarly Information Sourcebook (OASIS)

<http://www.openoasis.org>

Open Access Scholarly Publishers Association (OASPA)

<http://www.oaspa.org/>

Open Archives Initiative (OAI)

<http://www.openarchives.org/>

Openaccess.net (Germany)

http://www.open-access.net/de_en/homepage/

Openaccess.se (Sweden)

<http://www.kb.se/OpenAccess/Hjalptexter/English/>

OpenAIRE

<http://www.openaire.eu/>

Public Knowledge Project (PKP)

<http://pkp.sfu.ca/>

Scholarly Publishing and Academic Resources Coalition (SPARC)

<http://www.arl.org/sparc/>

SHERPA

<http://www.sherpa.ac.uk/>

SURF Foundation

<http://www.surffoundation.nl/en/Pages/default.aspx>

The Directory of Open Access Repositories (OpenDOAR)

<http://www.opendoar.org/>

The Open Citation Project (Opcit)

<http://opcit.eprints.org/>



Impresso por Tipografia Facciotti srl
Vicolo Pian Due Torri 74, 00146 Roma
julho 2010

necobelac
www.necobelac.eu

IS

info@necobelac.eu

Editado por Settore Attività Editoriali, Istituto Superiore di Sanità